

0030664/2003



L0000030667

J. Ribeiro Juniores
Outubro de 1900



E

PHEMERAS

Jose R. Santo



OBRAS DO AUTOR

PUBLICADAS

RHETORICA E POETICA—Editor Serafim José Alves—Rio—1884.

INTRODUÇÃO ÀS PRELECCÕES DO DIREITO ROMANO do Dr. Dutra Rodrigues—Rio 1887.

A NOIVA (escorço de um romance naturalista) S. Paulo—esgotado—1888.

A POESIA E A ARTE no ponto de vista philosophico—Rio—1891.

O POVO E O BANQUEIRO, pamphletos de propaganda socialista—8 numeros—Rio—1891.

EPHEMERAS (poesias).—Editores, Ramos de Almeida & C.^a—Maranhão—1894.

O NATURALISMO NO BRAZIL.—Editores, Ramos de Almeida & C.^a—Maranhão—1894.

A APPARECEREM

PSYCHOLOGIA LITTERARIA (paginas de critica).

CARIÁTIDES—(um volume de contos).

ESPARSOS (artigos diversos publicados em jornaes e revistas).

A POESIA MODERNA e os actuaes poetas brasileiros (estudo critico, publicado em parte no Jornal as *Novidades*).

ADHERBAL DE CARVALHO

869.9L
C331e

*to Breviário Jacquinot
off.
Luz Juncher*

EPHEMERAS

G-10-902

REGISTRO SETORIAL
Seção Obras Raras
N.º 248
Data 14/12/73

4.º MILHEIRO



120%

MARANHÃO
 LIVRARIA UNIVERSAL
 RAMOS D'ALMEIDA & C.ª SUCCESSORES
 Editores proprietarios
 1894





À
Minha Mulher

BIBLIOTHECA PUBLICA
— DO —
MARANHÃO
SÃO LUÍZ



T

*U, que acompanhas minhas tristes maguas,
Resignada, a soffrer meus soffrimentos;
Que a toda a hora e a todos os momentos
Pedes por mim ao creador das aguas;*

*Tu, cuja vida é a minha propria vida,
Que tens no coração amor profundo,
Brilhante como o sol que aclara o mundo,
Que és das esposas o ideal, querida;*

*É que és a dona d'este livro inteiro,
Que está cheio do amôr que me inspiraste
E da luz divinal que derramaste
Dentro em meu peito, em brilho derradeiro.*

DESEJO DE POSSE

(A Isidoro Martins Junior)

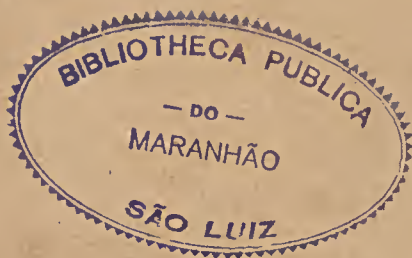
Vamos fugindo além por este mar afóra,
Para a terra do amor, óh sim, vamos fugindo!
Deixemos que o velame os ventos vão abrindo,
Para se abrir ao longe a tua voz, senhora!

Vamos agora mesmo, antes que venha a aurora,
Antes que a aurora venha e veja-nos partindo!
Vamos, meu coração, vamos viver sorrindo
N'um paiz sorridente onde ha eterna flóra!

Vamos sulcando, amada, as ondas côr de rosa,
N'este batel do amor vamos sulcando, amada,
Ó meu grande ideal, ó minha flôr mimosa!

E então me has de cantar essa canção que adoras,
E essa bella canção será por ti cantada
N'este esplendente mar de músicas sonoras!





BUCOLICA

(A João Barbosa)

Minha querida, todas estas flôres
Que embalsamam o ar que respiramos,
Ellas e mais o sol com seus ardores
Não têm jámais os tons consoladores
Que nos teus olhos sempre contemplamos!

Nem a vívida luz das alvoradas,
Ou mesmo o pipilar terno das aves,
Têm o subtil frescôr das madrugadas
D'estas madeixas louras, encantadas,
D'estes teus olhos mórbidos, suaves!

Que lembrança infeliz n'este momento
Me acudiu á razão, allucinada
Desde o dia do nosso casamento!
Impede-me um fatal presentimento
De t'ó contar, ó minha doce amada!

Vamos, porém, deixar tudo o que é triste
E tudo o que não fôr pura alegria,
Visto que o nosso amor jámais resiste
Ao phraseado infantil que nos assiste
N'esta quadra de goso e sympathia.

Porque havemos de aqui chorar, querida,
Onde o sol é tão bello e as aves cantam,
Se a chorar nós levamos toda a vida?
O mundo é a floresta escurecida,
Em que o Dante pintou dôres que espantam!

Ha por tudo isso uma alegria infinda
Que de um bello prazer me tentaliza!
Vejo a côr de teus olhos n'esta linda
Cúpula azul do céu, e mais ainda
N'esse volátil que no ar deslisa!

VERSOS A ZULEIKA

Ao ver-te toda offuscante
Impressionando-me a idéa,
Lembrei-me da Paulicéa
Onde te amei delirante !

Vinhas co'a mãe e a irmãzinha
N'uma celeste alliança !
Eras a mesma creança,
Dos meus sonhos a rainha !

Quero-te sempre formosa
Como o sorrir de uma aurora;
Quero que sejas, senhora,
Sempre altiva como a rosa !

Quero-te nos olhos bellos
Da estrella o fulgor eterno !
E que o meu beijo eviterno
Paire sobre os teus cabellos !

Quero-te flôr dos abrolhos,
Singela no seu tugurio !
Como esse ideal ceruleo
Que há na luz d'estes teus olhos.

Este olhar teu, penetrante,
Onde uma volupia médra,
Mata-me como o de Phedra
Matava o seu louro amante.

O teu corpo se parece
Com um arabe amuleto,
Ou com um lindo soneto
Que as maguas nos desvanece !

Eu adoro esta innocencia
Que o teu espirito encerra,
E toda inteira na terra
Tens de uma deusa a apparencia !

Tu tens da Beatriz do Dante
A pallidez seductora,
A candura da Eleonora
E a paixão de Damayante.

A tua bocca assemelha
Uma reliquia chinesa,
Uma tulipa hollandesa,
Ou uma rosa vermelha !

Uns olhos que dão trabalho
Tens sob as pestanas pretas;
São como duas violetas
Humidecidas de orvalho.

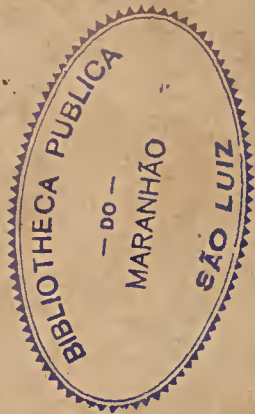
O teu coração, amada,
Lembra essas ambulas de ouro
Onde, qual rico thesouro,
Cae uma esmola sagrada!

O porte tens da Phrynéa
É o esplendor da Lucrecia!
És a Laís d'esta Grecia,
És dos meus sonhos a déa.

Tu és do meu *capuleto*
A mais divinal camelia;
Ao ver-te, lembra-me Ophelia
Enlouquecendo o Hamleto!

O teu corpo de hespanhola,
Assim gracil como eu vi,
Lembra uma *japonerie*
Por sobre uma ventarola!

Tu és o meu relicario,
Lótus de um templo budhista,
Que amo, como um fetichista,
Ao deus do seu sanctuario!



Satisfazes meu anhelô,
Ó minha preciosa anémôna,
Como a querida Desdemôna
Satisfazia o de Othelo.

Ah! quando eu te vi fulgindo
Com a elegância que vestes,
Estremeci com Orestes
Das Fúrias a greve ouvindo

Teu nome é de um personagem
Que o Byron tem n'um poema,
Que mais ama que a Iracema
Co'o seu amor de selvagem!

Em tí o amor concentraste
Do Hermann louro a Dorothéa,
De Quixote á Dulcinéa,
E o de Andromacha lembraste!

Quando simulas grandeza,
Como uma deusa constricta,
Crê — tornas-te mais bonita
Do que outra qualquer burgueza.

Em te vendo assim zangada,
É quando mais eu te adoro!
Por isso mesmo te imploro
Que tenhas zanga dobrada.

Pois não vês que em ti prevejo
Um amor que te consome,
Esse amor que não tem nome,
E só se traduz n'um beijo?

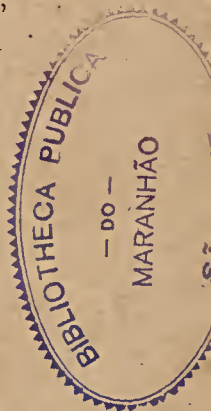
Pois tu ignoras, querida,
Que os teus olhos não me enganam,
Que os seus raios não me inflammam,
Nem me consomem a vida?

E a razão d'isto é sómente
Não te importares das cousas!
Tu és como as mariposas
Que se perdem loucamente!

Mas em teu peito congela
Este amor que te consagro,
E isto me é muitissimo agro,
Ó minha Zuleika bella!

Se Sédan tive em amores,
Meu Marengo em ti pretendo.
E eis porque não me arrependo
De encher-te toda de flôres!

Tenho esperanças que um dia,
Pesquisando-te, eu descubra,
—Beijando-te a bocca rubra,
Sorvendo etherea ambrosia,—



Que me queres com ternura,
Como o pastor ama o monte,
Como o regato ama a fonte,
E ama o louco a loucura!

E então, ebrio de contente,
Mais louco que esse rei Lear
Que nos pintou Shakespeare
Com o seu genio potente,

Levar-te-hei no meu hombro
Como um trophéo triumphante,
P'ra te tornares constante
Do mundo inteiro um assombro.

Quando eu te vi deslumbrante
Impressionando-me a idéa,
Lembrou-me essa Paulicéa,
Onde te amei delirante!

NEVROSE DE GOSO

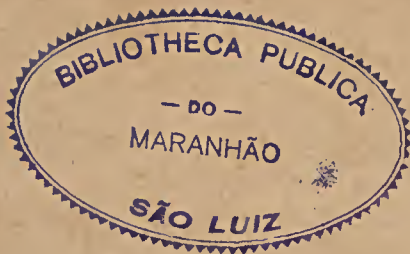
(A Antonio Rubim)

Quero-te nua, inteiramente nua,
Para beijar-te as fórmas palpitantes,
Quero unir minhas carnes delirantes
Ao teu corpinho alvissimo de lua.

É assim que beijar quero a bocca tua,
Os teus seios nervosos e offegantes,
Quero roubar-te aos olhos scintillantes
O amor que ha muito no meu peito actua.

Quero-te toda nua, inteiramente,
Ebria de amor por sobre mim cahida,
Louca de sensações e de desejos !

E eu hei de n'esse goso eternamente
Embriagar-te, talvez de mais, querida,
N'uma sonata harmonica de beijos !



MONOLOGO DE HAMLET

(A João Mendes de Almeida)

Ser ou não ser, eis a questão tremenda...
É mais nobre soffrer as ferroadas
Da má fortuna que abrolhou a senda
Da vida? ou contra um mar de dor horrenda
Precaver-se, evitando-lhe as passadas?

Morrer... dormir, parece que mais nada...
E dizer que n'um somno se esvae tudo
O que herdou nossa carne malfadada!
Eis a scena por todos desejada,
Que fizeram do mundo sério estudo!

Morrer... dormir, dormir!... talvez sonhar!...
N'isto consiste a mór difficuldade!...
Que sonhos poderíamos levar
Com o gelado somno tumular?
É esta a reflexão que a alma me invade!

Quem do mundo os despezos soffreria,
A injuria do oppressor, a humilhação
De uma pobreza, a estólida agonia
E a insolencia da lei que calumnia,
Para ter como premio uma punção?

Quem estes fardos carregar quizera,
Se o receio da vida após a morte
Tantas vontades grandes não vencera,
E se em outros mais fracos não fizera
Surgir de espectros temerosa cohorte!

É assim que a razão nos põe medrosos,
E que as côres de atroz resolução
Se somem nos caminhos pedregosos,
Perdendo o nome de actos valorosos!...
Eis Ophelia!... Silencio, coração!...

PAISAGEM

(P. BOURGET)

(A *Julio Ramòs*)

A luz de uma suave e azul manhã de inverno
Completamente envolve o bosque, onde verdejam
Musgos. Ala-se o aroma. Aves na balsa adejam,
E nas suas canções ha um prazer eterno!

E desde a borboleta inquieta, em cujo terno
Peito côr de esmeralda e anil, sonhos doudejam,
Até aos grandes bois que no labor mourejam,
Tudo parece ter um gôso sempiterno! . . .

E eu que arrastando vou no esconso das florestas
As chagas de que o amor ha muito em mim padece,
Jamais virei gosar a bella primavera? . .

E nunca esquecerei as trahições funestas,
Como n'esta manhã virente a terra esquece
A neve, o vento frio e a encantadora héra?



VIVER BRINCANDO

(A Minhas Irmãs)

Como deve ser bom pensar como as creanças,
Como as creanças ter muitos sonhos suaves
E as cabeças gentis repletas de esperanças!

Ellas que têm na voz a guzla de mil aves,
Que como as aves têm uma eterna alegria
Na musica infantil que não precisa claves!

Quem me déra, senhora, eu ter como a Maria
Essa vida de estar sempre alegre brincando,
Como se a vida fosse uma grande ambrosia!

Não levaria, então, como a levo : — chorando.
Teria como Pan uma flauta sonóra,
Para a vida levar como ella vae levando.

Seu continuo saltar pelo jardim afóra
Parece o de uma corça arisca, embravecida,
Ou de um passaro inquieto ao despontar da aurora!

Ri, papagueia e pula, e a face colorida
Tem o rubro esplendor das vermelhantes rosas,
De onde o aroma se exhala, e onde desponta a vida!

Tudo n'ella é grácil, desde as suas formosas
E pequeninas mãos, ao lucido vestido;
Desde o seu pé *mignon*, ás madeixas cheirosas!

O estelifero rir, quando nos fere o ouvido,
Alguna cousa tem d'aquellas encantadas
Leituras infernaes que exaltam o sentido!

A voz tem o frescor de um milhão de alvoradas,
E os bellos olhos são dois pequeninos sóes,
Fugidos das regiões sidéreas, consteladas!

Ninhos de colíbris, nuvens de rouxinóes
Se me afiguram ser suas madeixas louras
Que lhe beijam a fronte em lindos caracóes!

E o seu coração? oh! é como o das pastoras,
De uma innocencia alegre e cheia de térnura,
Mais candido talvez, què o das Eleonoras!

Como não é feliz essa infantil loucura,
Esse alegre viver de bella insensatez,
Julgando o mundo ser uma eternal ventura !

Só ellas tem, senhora, o que não conheceis :
— Um amor ideal, amor immaculado,
Como um lótus pagão de um templo japonéz !

*

* *

Como deve ser bom pensar como as creanças,
Como as creanças ter muitos sonhos suaves
E as cabeças gentis repletas de esperanças !

Ellas que tem na voz a guzla de mil aves,
Que como as aves tem uma eterna alegria
Na musica infantil que não precisa claves !

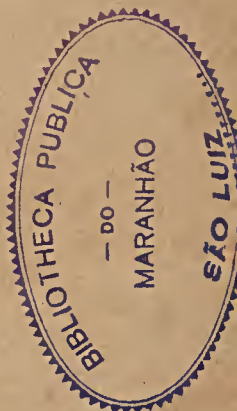
PUBERE

Contente e alegre, Dulce caminhava
Pelo jardim da sua adolescencia...
Ella, tão linda, nem sequer sciencia
Tinha do amor e n'isso não pensava.

Dezeseis primaveras já contava,
E no entanto seu pai, da longa ausencia
Do catamenio astral, da pubescencia,
Nenhuma explicação ao caso achava.

Uma tarde, porém, pallida e fria,
Dulce contou á mãe, que já sentia
Romper do ventre o cantico adorado.

Era a aurora gentil da mocidade,
A bandeira ideal da puberdade
E, para Dulce, um labaro sagrado.





DO ALTO DO CORCOVADO

(A José Pedro de Carvalho)

Vê a que grandes alturas
Chegámos, minha querida !
Aqui não ha desventuras,
Aqui se gosa mais vida.

Tudo aqui é riso, flores,
Aves, ar puro, canções,
E nunca se ouvem rumores
De tristes lamentações !

Sob aquella casaria,
Ha uma miseria immensa !
A vida é uma fantasia
N'essa necrópole extensa ;

De um lado a agua dourada
Pela luz do sol que medra,
Mais além uma encantada
Rica epopéa de pedra !

Ao longe o sol foge em brasas,
N'umas fogueiras sarcásticas.
No mar as vélas são azas
De umas gaivotas fantásticas.

Junto de nós a floresta,
Os bogaris e as violetas,
Parecem viver em festa
Com as gentis borboletas.

De tudo isto por cima,
Como um esplendente exul,
Vemos bem que nos anima
Este céu que é tão azul!

Aqui minh'alma se expande,
Mas com temor de menino,
Pois que a natura é tão grande
E o homem tão pequenino!

IDEAL

(A Dias da Rocha Filho)

Venus, deusa pagã de altiva realeza,
Cujos corpo ideal, cuja cabeça airosa
E redondos quadris, são a mais primorosa
E gentil perfeição da plastica belleza ;

Venus, mytho sublime e cheio de grandeza,
Quando surgiu do mar como um botão de rosa,
Não tinha a tua voz suave e harmoniosa,
E não possuía alfim teus olhos de princeza !

És a Venus christã de um templo mais moderno,
Mais cheio de paixões nevrosthénicas de arte,
Em que a carne solfeja a Volupia do inferno.

És o lótus budhista, o rubi do Oriente,
És..., eu já não sei mesmo a que eu hei de igualar-te,
Quando louco contemplo o teu seio fremente !

FRANCISCA DE RIMINI

Eu comecei :— poeta, vês aquellas
Sombras que são levadas pelo vento ?
Tinha desejos de falar com ellas.

E elle me respondeu :— « mais um momento,
E se aproximarão do nosso lado.
No amor lhes fala, lograrás o intento ».

Vendo-as aproximar, rapido eu brado :
— « Vinde oh almas assaz desventuradas
Falar-me, se isto não vos é vedado ».

Bem como duas pombas, instigadas
Pelo amor, para o ninho vão ligeiras,
N'um só aneio, as azas espalmadas,

Assim aquellas sombras feiçiceiras,
Da terra onde está Dido, vêm correndo
A attendêr minhas supplicas primeiras.

— « Oh amavel mortal que n'um tremendo
Lugar nos visitas te e não 'stremeces!
Nós manchamos o chão de sangue horrendo.

Fariamos por ti bem longas preces,
Se ellas chegassem ao eterno ouvido,
Já que do nosso mal te compadecês!

Nós prestaremos o maior sentido
A essas perguntas que terão respostas,
Se nos fôr pelo vento permittido.

A terra onde nasci fica nas costas
Do mar, lá onde o grande Pó descança
A par de outros, de origens mil suppostas!

O amor nasceu qual rapida esperança
N'este, que uniu ao meu seu corpo alado,
E que o raptou em perfida vingança!

O amor, que não esquece um bem amado,
Inspirou-me um prazer bastante forte,
Que, como vês, não hei abandonado!

O amor nos conduziu ambos á morte;
Quem nos matou irá para as caínas». —
E acabou de falar por esta sorte...

Depois de ouvir as sombras peregrinas,
A cabeça inclinei de tal maneira
Que Virgilio me indaga :—«em que imaginas?»

Então lhe respondi :—«quanta fagueira
Esperança e talvez quanta alegria
Não os precipitou n'esta fogueira!

E voltei-me com muita sympathia :
«Francisca, todos estes teus tormentos
Acarretam-me um mal que me agonia!

Dize me : ao tempo dos gentis momentos,
Como se revelaram teus amores,
Estes ternos e grandes sentimentos?»

Disse-me ella :—«Não ha maiores dôres
Que a lembrança de um tempo afortunado,
Despertada em miserias entre horrores!

Mas já que tens tua alma interessada
Em o início saber d'esta amizade,
Vou contar-t'ó, de prantos inundada;

Estavamos a lér, mas sem maldade,
Na historia de Lanciotto o amor brilhante,
Que nos tentou n'aquella soledade.

Muita vez, meu olhar, de instante a instante,
Seus olhos encontrou com certo pejo;
Mas o que achámos mais interessante

Foi quando a terna amada aceita um beijo
De quem de ha muito a estava apetedendo!
Paulo, todo embriagado de desejo,

A bocca me beijou, todo tremendo.
De Galleotto era a pagina querida!
E mais dia nenhum passámos lendo».

Em quanto ella falava em voz sentida,
Chorava Paulo; e eu, como atordoado
Cahi, bem como um corpo cahe sem vida.

CARTA Á WALKIRIA

N'esta cartinha que vais ler
E meditar,
Não poderás deixar de ver
O meu pesar,

Vermelho e aspero como essa
Bocca de santa,
Que tem de per'las uma espessa
Linha que encanta,

E que possui sempre uma voz
Rica e maviosa,
Que, ainda quando a tens feroz,
É graciosa.

.....

Não respondeste a uma missiva
Por desconfiança.
Quizeste-te fazer altiva,
Bella creança.

Por que razão desconfiaste
Do meu caracter?
Será porque tu nunca amaste,
E... lês Lavater?

Mas eu que, como um louco, te amo,
Tudo perdôo,
Como a floresta ao gaturamo
Que ensaia o vôo,

Tal como a noiva ao noivo amado
Que a contraria,
Como um poeta a um prisma alado
Que o extasia.

Tu pensas ser igual a Momo,
O deus do amor.
E zombas d'elle tanto, como
Zombas da flôr,

Que pões nas tuas tranças pretas,
Para chamar
Os colibris e as borboletas
Que andam a amar!

.....

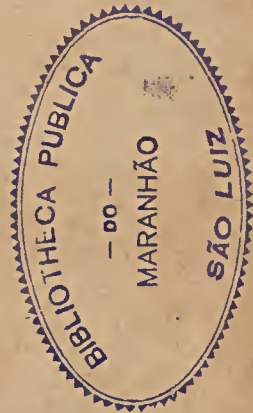
Walkiria, juro-te, eu estou
Um tanto triste.
Sabe, pois, tu que me constou
Que alguém resiste

Ao projectado nosso enlace,
Ao nosso amor!
Tu desengana-os face a face
A teus pais, flôr.

Faze-lhes ver que um coração,
Puro e innocente
Como esse teu, tem um brazão :
— O amor, sómente !

Conseguirás o que quizeres,
Pondo-lhes medo.
Pois este dom tem-n'o as mulheres
E esse segredo.

Vae-se alongando esta cartinha,
Vou terminar.
Mas, que vontade, amada minha,
De não parar !



LASCIATE OGNI SPERANZA . . .

(A Fernando P. de Almeida Junior)

Dentro do hospício, percorrendo eu ia,
Uma por uma, as cellas infectadas.
Um mal-estar meu coração sentia,
Ao ver almas gentis tão desgraçadas !

Tão dolorosa casa eu percorria,
Tendo no peito dôres represadas . .
Em alli estando, ver me parecia
As almas pelo Dante condemnadas.

Nevropathas, maniacos brilhantes,
Havia alli de tudo,— delirantes
Rindo e cantando a minha propria dôr !

Das desgraças sinistra analogia :
— A do louco gerado pela orgia,
E a do louco gerado pelo amor !



SOFFRER É VIVER

(De Campoamor)

Maldizendo a minha dôr,
A Deus clamei d'esta sorte :
— « Fazei que o tempo, Senhor,
Venha tirar-me este amôr
Que me quer trazer a morte ».—

Meus pedidos escutando,
Deus se metteu de permeio.
E á sua ordem acordando,
Correndo, ou, melhor, voando,
Como sempre, o tempo veio.

— « O teu mal eu vou curar » —
Disse ; e quando o bem que adoro
Do meu peito quiz tirar,
Tive um afan de chorar
Que hoje ao lembrar-me inda choro !

Temendo minha paixão,
Penas soffri tão estranhas
Que ensinei ao coração:
Que uma mesma cousa são
As minhas penas e entranhas!

E feliz com minha dôr
Diz minh'alma, arrependida;
« Dizei ao tempo. Senhor,
Que não me arranque este amôr
Porque assim tira-me a vida.»

SILENCIO!

(PARAPHRASE DE EDGARD POE)

(A Ruy Barbosa)

— Escuta, — disse o demonio,
Chegando de um pandemonio,
Pousando a sua mão sobre a minha cabeça :
— A nação de que falo é uma nação espessa,
Mui lugubre e barulhenta
Lá na Lybia feroz, junto do Zaire ás margens,
E cuja agua lamacenta
Não escorre para o mar,
Mas palpita sob o olhar
De um esquentado sol das regiões selvagens!

De cada lado do rio,
Se avista ao longe um sombrio
Deserto colossal, pando de nenuphares,
Erguendo os espectraes pescoços pelos ares,
E meneando as sempiternas
Cabeças. E d'alli sahe um grande sussurro,
Igual ao que ha nas cisternas
E em subterraneos profundos!
Por arbustos furibundos,
Limita-se a nação que descrever procuro.

Dos seus cumes elevados
Cahem pingos emper'lados!
E estorcem-se a seus pés, n'um agitado sonho,
Mil fôres colossaes n'um florescer medonho!
E sobre ellas, n'um tocante
Ruge-ruge infernal, rolam as nuvens pretas
Lá para o horisonte ovante!
E ahi nas margens do rio,
Paira da morte esse frio
Que nos põe d'essa côr tão roxa das violetas!

A' noite, a chuva cahia.
No ar a agua era o que eu via;
Quando chegava ao chão, porém, eu via exangue
Que aquella agua do céo se transformava em sangue!
E eu na planicie lodosa,
Vendo a chuva cahir sobre mim lentamente,
Como uma cousa maldosa,
Olhei, com um triste aspecto,
Dos nenuphares o leito:
Vi com desolação que a soffria contente!

De repente vem a lua
E em nuvens rubras flutúa!
E o meu olhar cahiu sobre um rochedo enorme,
Sombrio, que se erguia á borda d'esse informe
Rio, tendo a claridade
Da refração lunar! Era um rochedo horrendo,
Immenso como a maldade!

Tinha em si letras gravadas
Nas pedras escalavradas ! . . .
E eu corri para ver essas letras, tremendo !

Diziam : Desolação !
Levantei a vista, então :
Na crypta do rochedo estava uma figura
Toda de fórma astral ; trajava com finura
A antiga toga romana,
Que dos hombros aos pés cahia majestosa !
E eu não lhe vi fórma humana,
Mas, lembra-me com saudade,
Que era toda divindade,
Sua fórma idéal scintillando garbosa !

Tinha a fronte pensativa ;
Porém firme e sempre ativa !
No seu semblante eu lia as lendas das desgraças,
O horror á humanidade, o odio a todas as raças,
E o amor pela solidão !
E então eu me occultei, vendo o que elle fazia .
Com a cabeça sobre a mão,
Assentou-se no rochedo,
E, firme como o penedo,
Foi espriando o olhar por tudo o que ella via !

Comtudo a noite avançava
E elle não se levantava !
Depois olhou p'ra o rio, ouvindo as murmurantes,

Tristes lamentações das aguas sussurrantes !
No meu escondrijo, emtanto,
Eu lhe espreitava attento o menor movimento
Com a paciencia de um santo !
E a noite ia-se adiantando,
E sentado foi ficando !...
No bosque eu me embrenhei, porque rugia o vento.

Evoquei os elementos,
E então cheia de tormentos
Medonhos, uma enorme e horrivel tempestade,
Cahiu por sobre toda aquella soledade !
Cahiam em massa as aguas,
O rio enfurecido espumava, a floresta
Lamentava suas maguas :
O rochedo estremecia !
E sentado elle assistia,
Ao tetrico sabbat d'essa medonha festa !

Amaldiçoei esse horror
E sobreveio o clamor !
N'esse interim, eu vi o escripto do rochedo :
—SILENCIO!—elle dizia e eu li, mais não sem medo!
E eu vi d'esse homem no rosto,
A pallidez mörtal dos homens sepulcraes!
E' que um profundo desgosto
Cobria-lhe o corpo todo,
Como aos sapos cobre o lodo !...
SILENCIO! —Eu pude ler na rocha e nada mais!

Esta tão medonha historia
Jamais perdi da memoria!
Foi o anjo do mal que m'a contou, sentado
De noite, junto a mim, na campa de um soldado!
Quando acabou de falar,
Desatou a sorrir n'um zombar inclemente!
E eu só queria chorar!
E como rir não podia,
Elle augmentou-me a agonia,
E então fiquei a olhal-o allucinadamente!...



ANTE O BUSTO DE SHAKESPEARE

(A Sylvio Romero)

Poeta, que todas as paixões humanas
Pintaste com a maior fidelidade,
Quer no amôr, no delirio ou na saudade,
Quer na virtude ou nas paixões insanas ;

Tu, cujo éstro genial adivinhara
A hysteria no Hamleto silencioso,
Que creaste um Yágo rancoroso,
E uma Miranda, de alma pura e clara ;

É que és o meu mestre.— E Macbeth, Ophelia,
Imogenia e Volumnia, e essa Cordelia
Sancta, filha gentil do louco Lear ;

Ellas, e o teu estylo scintillante,
Cantam-me n'alma um evohé vibrante ! . . .
Tal teu poder, ó grande Shakespeare.

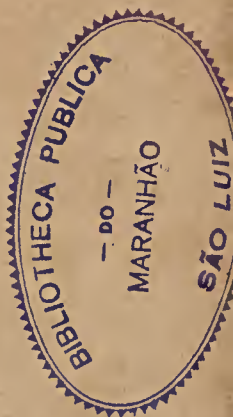
À CASA PATERNA

Quanta lembrança dulcida e saudosa
Me despertas, oh casa idolatrada!
Foi no teu ventre que illusões de fada
Nasceram de meus sonhos côr de rosa...

Era aqui que meu pai, alma grandiosa,
Me mostrava do mundo a dura estrada:
— «Ella é terrivel, filho, é desgraçada.
Coragem para a lucta temerosa.—

Reconheci depois esta verdade,
Que aos poucos me despiu d'essa cegueira
Em que se vive toda a mocidade.

O' casa, que eu gosei quando criança!
Recebe esta visita derradeira,
Como o alento de uma ultima esperança.



O CINCO DE MAIO

(DE A. MANZONI)

Morreu . . . como se fosse um moribundo
Qualquer, soltando o ultimo suspiro !
E o seu corpo, tão grande como o mundo,
Quedou-se enfim sem um vital respiro.
Assim, a terra, atónita, entristece
Ouvindo esta noticia dolorosa,
Do trespasso de um homem que parece
Ter dos astros a vida fulgurosa !

Em deslumbrante cúspide, esplendente,
Eu vi-o majestoso, enaltecido :
— Cahiu depois, relampago fulgente,
Este leão por todos nós temido.
Ao resoar dos brados de victoria,
Gritei:— « Virgens de abjectos vencedores
E de falsos heróes, a sua gloria
Viverá nas canções dos trovadores. »—

Dos Alpes ás pyramides do Egypto,
E desde Manzanares té o Rheno,
Aos ecos estentóreos do seu grito,
Tudo ficava humilde, e mais:— sereno.
Gloria?— deixemos que o porvir decida.
Calemo-nos ante este deus humano,
Este ser que endeusou seu nome em vida,
E fez do espirito almo um soberano!

No anhérito pujante e proceloso,
Na ancia de um peito que ao dominio aspira,
Tudo alcançou este homem poderoso,
Cujo futuro esplendido ante-vira!
A maior gloria viu a humanidade
N'aquelle homem, que foi um cataclysmo,
No leão que rugiu com majestade,
Calcando altares, e transpondo o abismo.

Seu nome tem a força do canhão
E aos homens do seu sec'lo impõe respeito.
Quando ouvimos dizer:— NAPOLEÃO! —
Sentimos bem que está em nosso peito.
Elle cahiu ferido pela morte
Na árida ilha, aonde arrojado fôra.
Sim, esta é sempre dos heróes a sorte,
Aos quaes a gloria toda a vida doura.

Bem como o triste náufrago perdido,
Que á tona d'agua um pouco se sustenta,

Assim tambem ao patrio lar querido,
De voltar uma esp'rança o acalenta !
De tal maneira o peso das memorias
Veio abatel-o como uma ave horrenda,
Que muitas vezes, recordando glorias,
Dilacerou a pagina estupenda !

E quantas vezes, ao morrer do dia,
Nos seus dias felizes não pensou !
A grande, inegalavel agonia
Apareceu nos campos de Waterlôo.
A avidez dos condores soberanos
E a valentia eterna dos leões,
Tinham os seus soldados sobrehumanos,
As suas esforçadas legiões.

Da sorte succumbiu aos duros tractos,
Mas um anjo desceu do firmamento
E, entusiasmado por seus grandes factos,
Expungiu-lhe da frente o soffrimento.
Depois, por entre a esplendida atmospherá,
Levou-o como fùlgida creança,
Da gloria á imperecível primavêra,
A' região ethérea da esperança !

O' fé, Gloria immortal e triumphadora,
Venceram afinal tuas metralhas !
Desappar'ceu a alma seductora
E rútila do Christo das batalhas !

—«Seu cadaver é grande como o oceano,
E é Deus que o leva para o seu mysterio » —
Disse o anjo, e pôra o frio corpo humano
Fez do seu manto um tumulto funereo.

MATER DOLOROSA

Pallida e loura, muito loura e fria!

ANTONIO FEIJÓ.

Pobre mãe, como chora allucinada,
Vendo que a sua unica alegria
Jaz a seus pés, qual illusão alada,
Pallida, inerte, esmaecida e fria!

A todo o instante ao peito aconchegada
Em ardente explosão de atra agonia,
Traz o corpo da filha idolatrada,
Pallida, inerte, esmaecida e fria!

Dize-me oh! tu, psychologo que expandes
Theorias, haverá dôres tão grandes
Como essa que as mães nossas atrophia?

E tu, oh! pai, de uma alma bem formada,
Chora com esta mãe a filha amada,
Pallida, inerte, esmaecida e fria!

TEDIO

(A minha mãe)

Sempre levei a minha vida
A padecer.
Dentro em minh'alma, uma ferida
As fibras rasga-lhe, querida,
E a faz sofrer.

Meu corpo é como os livros, onde
Lê muita gente
Alheios males, mas que esconde
Um mal pior, e nem responde
Maguadamente !

Gente ha que mostra ser feliz
Com fingimento,
E quando a sós, eu sei, maldiz
Da sorte, que é para o infeliz
Grande tormento.



Eu não conheço a hypocrisia
Nem sei mentir !
Eu julgo o amor uma poesia
Que a incauto illude e que extasia
Com seu sorrir !

O mundo é feito de illusão,
Tudo aparente ! . . .
É um sepulcro com brazão
De ouro, occultando a podridão
Unicamente.

DO «HAMLET»

(ACTO III, SCENA IV)

HAMLET, falando a sua mãe e apontando para dois retratos:

Olhae este retrato e para este outro olhae,
Ambos de dous irmãos, um d'elles de meu pai...
Vêde a graça infantil d'este bello semblante :—
— Tem os olhos de Marte e a altitude brilhante
De Mercurio, encarando a cupula celeste !
Era o vosso marido, aura fresca do oeste...
Agora do outro lado, o infame fraticida
Vereis : o outro marido, uma alma fementida !...
Deixastes de viver n'uma eminencia bella,
Para amardes um cão, um nojento farpella !...
Chamais a isto amor ? — Sei que não se incendeia
O sangue em vossa idade, e a razão bruxoleia !...

(Mostrando os dois retratos)

Quem quererá passar do bom p'ra o que não presta ?
Certo que percebeis ; se assim não fôra, lésta
Não andarieis, mãe...

Vossa razão dormia...

Mesmo porque a loucura erro tal não faria !...
Oh ! sim, a percepção nunca chega ao delirio.
Quem diabo seria o auctor d'este martyrio ?...
A vista sem o tacto, o tacto sem a vista,
Uma parte qualquer que em vosso corpo exista,
Não seria, estou certo, estúpida assim tanto !...
O' vergonha, onde está o teu rubor, teu pranto ?...
A virtude não mais será p'ra a mocidade
Que a cêra que amollece em qualquer claridade !...
Que a deshonra não vença a supplica de um beijo !...
A falta de razão prostitue o desejo...



THESSOURO

Esses cabellos fulvos e dourados
Como uma espiga cheia, reluzente,
Expondo a um sól de maio os estrellados,
Louros fios da cõma auri-fulgente;

Elles, amada, e mais esses rasgados
Olhos (lagõas onde humildemente
Se miram tantos sonhos meus alados,
Como as per'las na tua bocca ardente),

São todos para mim como um thessouro,
Que eu guardo e vélo, como um avarento
Esconde e guarda inapreciavel ouro!

Mas, como eu deixarei de ser avaro,
Se isso que tu possues é um portento,
Se tudo o que amo em ti é mais que raro?



ALGIDA

Adoro-te, creança,
Quero-te tanto, tanto,
Qual marujo a bonança
Nas ondas de Lepanto !

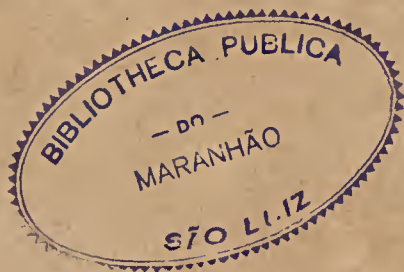
Crê, um só olhar teu
De modo me extasia,
Que julgo-mê no ceu
Da tua phantasia.

E pouco importa á Arte
Que tenhas dono : apenas
Ella quer estudar-te
Nas *chics* formas morenas.

A religião do amor
Nunca te poz constricta !
Como a camelia, és flor
Sem cheiro, mas bonita !

O pintor e o poeta
Em ti só vê modêlo.
Tens uma alma de asceta
E um coração de gêlo !

Comtudo, sinto em mim
Um prazer bem profundo :
— Amo-te, cherubim,
Como a ninguem no mundo.



FLOR DE MARMORE

(A Arhtur de Carvalho)

Na pallidez da tua face, n'esse
Cabello louro scintillando airoso,
Fico extatico, tremulo, medroso,
Qual se um iman meu corpo percorresse.

É que tomo por ti tanto interesse,
É que este meu amor, demais fogoso,
Quando te vê tem extasis de goso !... :
E tu, como se nada acontecesse !

No entretanto (apesar d'esta frieza),
Ainda te adoro, ó pequenina louca,
Ainda te quero, ó flor do meu desejo !

E, para dissipar esta tristeza :
— Por castigo dar-me-has a tua bocca,
Para que n'ella eu deposite um beijo !





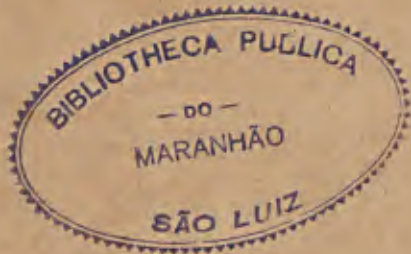
O AMOR

(A Carlos Colin)

Decantado elle foi nos poemas de Homero,
Da *Iliada* ideal á *Odysséa* encantada.
Em Andromacha, ao ver Heitor morto por féro
Imigo, e na mulher de Ulysses, na chorada
Ausencia d'esse heróe que nunca esqueceria !

Teve a concentração profunda de um estudo
No grande Shakespeare, esse colosso humano !
E na loucura atroz do D. Quixote ossudo,
A grandeza assumiu de um hystericismo insano,
E a frialdade mortal de uma grande ironia !

Que lamentém em vão nossos Werthers modernos,
Todas as Lauras e — todas as Dorotheás !
Que os novos Dantes têm outra especie de infernos,
E os poetas milhões de bellas Dulcinéas,
Que alimentam os seus voluptuosos amores !



O AMOR

(A Carlos Colin)

Decantado elle foi nos poemas de Homero,
Da *Iliada* ideal á *Odysséa* encantada.
Em Andromacha, ao ver Heitor morto por féro
Imigo, e na mulher de Ulysses, na chorada
Ausencia d'esse heróe que nunca esqueceria !

Teve a concentração profunda de um estudo
No grande Shakespeare, esse colosso humano !
E na loucura atroz do D. Quixote ossudo,
A grandeza assumiu de um hysterismo insano,
E a frialdade mortal de uma grande ironia !

Que lamentem em vão nossos Werthers modernos,
Todas as Lauras e — todas as Dorotheás !
Que os novos Dante's têm outra especie de infernos,
E os poetas milhões de bellas Dulcinéas,
Que alimentam os seus voluptuosos amores !

D'esse numero eu sou tambem, minha querida !
O meu intenso amor é como a luz do sol
Que as aves em canção julgam que seja a vida !
O amor é como o bello :— um fulgido crysol,
Cheio de rouxinoes, de primavera e flores !

CARTA DE AMOR

Eu venho, n'esta missiva,
Dizer que tu és altiva,
E que não tens coração.

Visto que, flôr dos abrolhos,
Só vejo n'esses teus olhos
O sonho de uma illusão.

Dizer que muito te estimo,
Como dos montes o cimo
Adora a aguia altaneira,

É n'uma phrase eloquente
Dizer-te tudo o que sente
Uma paixão verdadeira!

Quando eu te vejo á janella,
Acho-te ainda mais bella
Do que no passado dia !

É porque eu amo, querida,
Teus olhos — a minha vida,
Teus seios — minha alegria !

Da pupilla rutilante
Dos teus olhos, sae radiante
A cymba do nosso amor,

Cantando o triumphal hymno
Da luz n'um sonho divino
Que desabrocha na flôr !

Quando tu entras na egreja,
Mais rubra que uma cereja,
Espreito a furto os teus pés,

E então me vem logo á mente,
Aquella sarça candente
De que falava Moysés !

Se o Perugino existisse,
Se o Raphael Sancio visse
A tua grande belleza,

Sérias as Fornarinas
Das suas telas divinas
Com muito mais realza !

Ponto final n'esta carta
Desde que n'ella se encarta
O fogo de uma paixão,

Que, sendo flor dos abrolhos,
Só vê nos teus bellos olhos
O sonho de uma illusão !



ENTRE SCYLLA E CHARYBDES

Tanto calôr aqui, junto ao teu seio,
E no entanto lá fóra a chuva, triste,
Tomba molhando a rua em que me viste
E em que tambem te vi, não sem receio!..

Tanto calôr aqui, e vês:— não creio
Que o teu amor (se amor aqui existe),
Traduza o meu, bem como traduziste,
O que eu te disse ha dias em passio!

Tanto calôr aqui, frio lá fóra!
Frio que faz tremer, frio de morte,
Frio que empallidece a propria aurora!

Como poderei eu sahir, querida?
Se o frio d'essas ruas é tão fórté,
E este calôr me alenta e me dá vida!..

14 DE JULHO

Homens de Oitenta e Nove, oh grandes lutadores,
Minh'alma quanta vez, relendo a vossa historia,
Essa lição sublime, essa estupenda gloria,
Da massa popular contra os régios terrores,

Não sentiu invadir-lhe a fonte dos amores
O entusiasmo febril que entontece a memoria!
Vós sois o grande sol, e os reis, luz merencoria,
Que se some, atravez dos nossos esplendôres.

Danton, Robespierre e Jean Jacques Rousseau,
O louro Désmoulins, o grande Mirabeau
E os heróes da Bastilha, anonymos sublimes,

Os apóstolos são de toda a humanidade!...
O «Contracto Social» vos guiou na verdade
E a musica de Lisle exaltou vossos crimes!

REVENDO O PASSADO

— « Foi esta a casa em que nasceste » — disse
Minha mãe, um palacio me apontando ;
E, talvez bellos tempos recordando,
Deixou que sobre os hombros meus cahisse

Uma lagrima.— E sem que eu lhe pedisse,
Os recantos me foi então mostrando,
Té que n'um largo quarto ajoelhando,
Poz-se a chorar em subita doudice.

Fôra allí que meu pai tinha morrido !...
Pouco depois, loura criança eu via
Entrar, cantando em festas e alarido...

O' real, triste imagem da existencia !
Por onde sahe a dôr entra a alegria,
Onde a morte existiu brinca a innocencia.

SOMBRA

(DE EDGARD POE)

(A Ubaldino do Amaral)

Vós, leitor que me lêdes, certamente
Que ainda estaes entre os vivos, bem contente;
 Porém eu, que escrevo agora,
Ha muito que terei partido d'este mundo
 Para esse outro que apavóra,
Que nos enche de horror e de um medo profundo! . . .
 Depois d'este escripto lido,
Que eu aqui n'estas paginas encerro
 Co'um estylete de ferro,
Só o acreditará quem já houver soffrido!

Fôra de horror o anno que passara,
Sopezado por uma dor ignara
 Para a qual não ha na terra
Um nome! — Mil signaes se haviam produzido!
 E a peste no mar, na serra,
Por toda a parte alçava o seu gladio luzido . . .
 Os sabios não ignoravam
Que uma desgraça o ceu presagiava!
 Eu, porém, acreditava
Com Oínos, que dous planetas se encontravam.

Uma noite ficámos encerrados
Os sete, em Ptolomais, meio assentados
N'uns tristes bancos sombrios!
Havia em torno a nós o vinho capitoso
E purpurino de Khios...
O negro cörtinado, ao aspecto, horroroso,
Triste e lugubré, da lua
E das estrellas nos poupava o olhar!
Chegavamos a chorar,
Não ouvindo siquer um rumor lá na rua!

Perto de nós, e em nós próprios havia
Cousas, que descrever não se ousaria:
—Uma atmospha pesada,
Uma como agonia e sensível tristeza!
E então nos agoniava
Um estado febril d'essa existencia accesa
Que ataca a gente nervosa,
Quando o espirito sobe e a idéa cança!...
Sentiamos uma lança,
Sobre tudo mecher, de uma fórma espantosa!

Oh! tudo estava ali desalentado,
Menos as sete luzes, que do estrado
Aclaravam nossa orgia!...
A mesa, reflectindo a dubia claridade
D'essas luzes, parecia
Um grande espelho negro, onde a fidelidade
Havia, sinistramente,

Da lividez das faces mais ativas
De alguns dos nossos convivas,
Que estavam a cantar, como qualquer demente !.

Com o canto, o terrôr abandonámos,
E então a rir nós todos começámos !...
De Anacreonte as cantigas
Recitámos.— Depois bebemos fartamente
Bom vinho em taças antigas.
O jovem Zoilo morto, amortalhado, algente,
Que era o demonio da scena,
Estava alli! seu rosto muito inchado
Sem esso brilho vidrado
Dos olhos, parecia uma esphinge serena!

Dos olhos seus desviei-me com reccio
E puz-me a cantar versos, de permeio !...
Rapido cessou meu canto.
Os raios e os trovões de subito se somem !
E eis que surge por encanto
Uma sombra (igualando a uma sombra de um homem)
Mas não era infelizmente,
Sombra humana ou de cousa conhecida !
Era informe, indefinida,
Erecta, e sem dizer uma palavra á gente !

E os pés do jovem Zoilo-amortalhado
Stavam juntos do vulto endiabrado !
Nós, os sete companheiros,

Porém, vendo-o sahir mudo como um segredo
Por detraz dos reposteiros,
Não lhe ousámos falar, tal era o nosso medo !
Atrevi-me a pronunciar
Por fim, umas palavras, perguntando
O seu nome miserando ! . . .
E o vulto que me ouviu começou a falar :
— « Eu sou a *Sombra*, e perto dos sepultos
De Ptolomais, móro com outros vultos,
Nas planicies infernaes,
Proximos do canal impuro de Charonte ! » —
A estas palavras fataes,
Trememos, e o suor nos inundou a fronte ! . . .
E aquella voz, modulando
As inflexões da phrase que dizia,
Nossos ouvidos feria,
Fazendo-nos lembrar moribundos chorando !

A GIUSEPPE VERDI

Grande Giuseppe Verdi, oh mestre da harmonia !
Teu nome é para mim como essa luz brilhante,
Que espanca a escuridão de um sec'lo agonisante,
Como este que se finda em tétrica hysteria.

A musica inda hoje invoca uma alegria
E altissimo prazer n'um coração amante.
Shakespeare do som, e da harmonia Dante,
És um grande poeta, oh mestre da poesia !

A invasão do vapor e da electricidade,
A marcha triumphal dos ideaes fulgentes,
Que abrem novo caminho á velha humanidade,

Não suffocam do bello as grandes concepções;
E enquanto n'este mundo houver peitos ardentes,
A musica fará pulsar os corações.



LONGE!...

Ha um mez já que partiste e no entretanto
Eu te vejo, querida, nos meus sonhos !...
Ha um mez já que partiste e o teu encanto
- Como enxames risonhos

De aérias illusões e beija-flores,
Inebria-me tanto, que até penso,
Estar perdido n'esse mar immenso,
Que tu dizes, de amores !...



VELHICE PREMATURA

(A Pedro do Couto)

Como é bella e gentil a minha amante!
Tem uma voz suave e harmoniosa,
Lyrio nos dentes e nas faces rosa,
No olhar o ethéreo azul de um ceu radiante!

Venus seria menos fascinante
Que a minha amada, a minha flôr mimosa;
Perto d'ella, é Phriné defeituosa,
E não tem seus encantos Damayante.

Uma cousa, porém, a traz magoada:
— É a nuança nivea, prateada,
Que nascendo lhe vae na cabelleira.

No emtanto essa velhice prematura
É para mim uma ideal ventura,
É para o bello a linha verdadeira!



NA FLORESTA

(BARCAROLA)

Querida, que desventura
N'esta campina deserta !
A lua é qual chaga aberta
No collo azul da natura.

Tudo está placido e quedo,
Nem um mugido de boi !
É que a alegria se foi
Co'o dia pelo arvoredos.

Volto-me a um lado e a ramagem
Espessa encobre-me o olhar.
Vejo uns fios de luar
Surgirem d'entre a folhagem !

A áura passa ligeira
N'uma canção indolente,
Como um silvo de serpente
Ou pio de ave agoureira.

Nas frinchas dos laranjaes,
Como uma nota de idyllo,
O luar semelha-se a um lyrio
De proporções ideaes.

As arv'res, sob este veu
Azul de côres espessas,
São espectros sem cabeças,
Co'os braços hirtos ao ceu.

Do lua sob os clarões,
Os leques d'estas palmeiras
Parecem caudás faceiras
De agigantados pavões.

Paira uma enorme tristeza
No centro d'esta floresta.
A esta nocturna festa
Prefiro a vida burgueza.

Não vejo nada que preste,
Quando de ti me acho longe !
Vivo como o triste monge,
Cercado de vida agreste.

Aqui n'esta soledade,
Para adoçar méu exilio
Procuro, lendo Virgilio,
Matar um pouco a saudade

Que tenho de ti, ó flôr!
Mas qual! nem a natureza,
Com toda sua belleza,
Aniquilam este amor.



O MAR

(A Antonio Rayol)

Quando te agitas n'um furor insano,
Cheio de raiva e cheio de agonia,
Eu sinto dentro em mim funda alegria
E te comparo ao coração humano!

Ao ver-te, porém, frio, deshumano,
Inerte e surdo áquella symphonia
Esplendida de luz e de poesia,
Eu maldigo de ti, grande oceano!

Nas fortes contorsões em que debates,
Com coragem indomita, brilhante,
D'esse fluxo e refluxo nos combates,

Ao meu amor eu vou-te comparando!
Mas vendo-te calado, a minha amante
Estás n'esse momento semelhando.

N'UM ALBUM

Uma interrogação, de reticencias cheia,
Eis o que vem a ser a vida que passamos,
Longe do mundo que nós ambos deploramos,
E junto d'esse amor que nos seduz e enleia!...





PRECONCEITO

O meu maior desejo era morar contigo,
Gosar o teu amor por toda a eternidade!
E só d'esta maneira eu matava a saudade,
Que do peito expulsar eu busco e não consigo.

Sim, porque o coração semelha-se a um clepsydro,
Que inconsciente se move ao deslizar das aguas!
As suas pulsações são a canção das maguas
Que acompanham a nossa existencia de vidro.

N'essa lucta brutal, em que andam empenhados
Cerebro e coração, vence constantemente
Este; e se alguma vez, n'algun combate ardente,
O cerebro vencer,— entes desesperados

Apparecem então, como que por encanto!
É ainda uma vez a derrota da vida,
Porque a loucura é uma outra morte, q'rida,
Uma morte feliz que desconhece o pranto!

A loucura parece a gloria de um perverso,
Um afago de amor que a muitos acalenta :
Mais poesia contem que essa eterna placenta
De Deus, que deu seu sangue á arteria do universo.

No entretanto, não sou um louco como queres;
Todo o meu soffrimento é no intimo do peito;
E a prova está que, ao ver-te, eu fico satisfeito,
E soffro porque sei o que são as mulheres !

Lamentas com certeza o teu viver de freira,
Essa condemnação a que te expoz alguém !
Se tens este martyrio é que não pensas bem,
É que te julgas sêr eterna prisioneira.

Possues a santa crença em conservar sagrado
O teu tóro nupcial, teu gynecceu, senhora,
Co'a falsa fixidez de uma ilha encantadora,
Que de um trago sómente a engole o mar irado !

Tudo isso é um prèconceito infame e vergonhoso,
Falsa lei da moral, traçada por bandidos;
O auctor da melhor lei, exemplo de maridos,
Desejaria ter um filho incestuoso !

Eu sei que um grande amor te consumiu um dia
Por um poeta louro e cheio de talento;
E que apoz esse amor fizeste um juramento
De tudo abandonar, até mesmo a alegria !

Que ruim philosophia é a tua, minha amada,
De um pessimismo máo nascido na Allemanha!
Na época actual de progressão tamanha,
A sociedade acata a honra desprezada!

Quero-te possuir; por isso peço afflicto,
Pela morna maciez dos teus cabellos lassos,
Que me fales de amor, mas presa nos meus braços,
Amor que suba aos céos n'um extase infinito!

AS TUAS MÃOS

(A Luiz Guimarães Junior)

Quando precipite andas, eu espreito
O teu pezinho que se me afigura
Um *biscuit* de célere esculptura,
Ou um pássaro inquieto e satisfeito !

Nem teu pé, nem teus olhos, nem teu peito
Das tuas mãos contêm a formosura :
Pet'las de flor de esplendida brancura,
Escrinio divinal, de lyrios feito !

Nunca ouvi tua voz,— não sei por tanto
Se na garganta encerras um thesouro,
Imitando dos passaros o canto !

Só sei que ao ver-te, eu perco inteiramente
A minh'alma no teu cabelo louro,
E em tuas mãos meu ser completamente !





O CANARIO

(A Antonio Xavier de Carvalho)

Era um diabinho louro, um trefego canário
O que eu comprara a um sapateiro.
Tinha-lhe um grande amor o bom do proletario,
Um amor puro e verdadeiro!

Como chegou depois á minha inteira posse
Esse animal idolatrado?
Não sei; juro, porém, houve o que quer que fosse
Que o obrigou a tal, coitado!

Pois só quem apreciasse o amor que elle lhe tinha,
É que podia aquilatar
A sua immensa dor, ao ver essa avesinha
Ir, em estranhas mãos parar.

É uma historia triste a vida do canario,
Lúgubre historia na verdade!
Ella é como uma flor envolta n'um sudario
De alguem que nos deixa saudade!...

Era para o seu dono expansiva alegria,
Quando voava na gaiola !
« Parece que está doudo, » elle ancho me dizia;
« Que aroma bom d'elle se evola » !

Quando a ave adoecia, o cuidado dobrava
E o afago era tanto, tanto,
Que a ave por compaixão fingia que pulava,
Para acalmar-lhe mais o pranto.

Os passarinhos têm qualquer cousa de humano,
Quando outros vêm por si soffrer !
Elles soffrem comnosco o nosso desengano,
E vivem só para morrer !

Um chalet japonéz com arames dourados,
Com um poleiro azul ceruleo
Era o palco dos seus encantados trinados,
Era tambem o seu tugurio !

O céu nem a floresta a elle incommodavam;
Nascera dentro de um viveiro !
Os seus sonhos ahí é que se realizavam
O universo era o seu poleiró !

Quizeram-no comprar : offerta grandiosa
Foi rejeitada a um argentario.
« Por dinheiro nenhum dava a ave venturosa »,
Dizia o ~~proprietario~~ proprietario.

Como chegou depois á minha inteira posse
Esse animal idolatrado ?
Não sei; juro, porém, houve o que quer que fosse
Que o obrigou a tal, coitado !



ALMA DE ARTISTA.

Era de uma eucharística pureza
Aquella alma de artista generoso.
O escopro á mão, encara o volumoso
Páros, tal como o fez a natureza.

— « Esta brancura assim não tem belleza !
Eu quero transformal-a no formoso
Apollo, ou n'um poeta glorioso. » —
Disse, e começo deu á ardua empreza.

A pouco e pouco o mármore retoma
Uma feição humana, e se avoluma
Um seio aqui, e além um ventre assoma.

E mais :— olhos, nariz e uma bonita
Cabeça ! —E tudo ali se vê em summa !
Somente um coração não lhe palpita.



NEGO SUPPOSITUM

(A Mello Moraes Filho)

Dizes que és livre, e no entanto
Affirmo não ser verdade,
Pois que nem riso nem pranto
Conhecem a liberdade.

A liberdade, querida,
É ideal, não existe.
Qualquer cousa é submettida
A uma lei que lhe assiste.

Por ella soffreu horrores
Nosso divino Jesus !
E vê tu que as proprias flôres
Nascem do lado da luz.

Systole e diastole tem
O meu e o teu coração,
E até nos astros, meu bem,
Ha uma lei de attracção !

Schopenhauer, Spinoza,
Voltaire, Tasso, Descartes,
Toda a phalange gloriosa
Do pensamento e das artes,

Morreram, n'ella sonhando
E sem a ver florescer.
E o grande Goethe espirando
Desejou essa luz ver.

Não se liberta o suicida,
Pondo termo em sua sorte,
Pois que o problema da vida
É o problema da morte!

A noite tem o sereno
Que é o verdugo da flôr.
E o proprio espaço é pequeno
Para conter nosso amôr!

Nada é pois livre no mundo,
Nem o trinar da calhandra.
A vida é Priamo facundo
A galhofar de Cassandra.

A DANTE ALLIGHIERI

Vendo o austero perfil do teu semblante,
Eu sinto dentro em mim a dôr immensa
Que tu sentiste, oh grande mestre, oh Dante!
Contemplando as desgraças de Florença.

Vêm-me então á memoria a lancinante
Historia de Ugolino, e essa doença
De amôr, que fez Francesca, delirante,
Amar seu Paolo com paixão intensa.

E Virgilio e Beatriz, o Deus e os anjos,
E Lúcifer, Charonte, almas, archanjos,
O prazer e o delirio mais horrendo . . .

Emfim, quanto eu admiro em teu poêma,
É para mim um genial problema,
Que eu amo muito, mas que não comprehendo.



A UMA FREIRA

Eu sei que um amor ardente
Transformou a rosa em goivo.
Vi-a feliz e contente,
E vejo-a agora somente
Triste a lembrar se do noivo.

Em vão de occultar-me trata
Seus olhos e seus cabellos.
O lenço, em que se recata,
Tem o reflexo da prata
Ao sol de seus olhos bellos.

Sobre o seu seio moreno
Repousa a cruz de um rosario.
Tomara ser nazareno
Para ir morrer sereno,
Em tão formoso calvario.

Em que pese á religião,
Ha um desejo, escondido
Dentro de meu coração:
É que é uma tentação
Qualquer nó do seu vestido !

E' bella como nenhuma
A sua voz de canario.
Não lhe creio fé alguma,
Quando passa uma por uma,
As contas do seu rosario.

DESPRÊZO

Foges de espectros, filha, e no entretanto
Tu não foges de mim que te aborreço !
Olha, quando eu te vi desde o começo,
Nunca julguei que te amaria tanto.

Quando agora tu ris ou cahes em pranto,
Já não me alegras mais, nem mais padeço.
E este meu coração jamais te off'reço,
E desejo que faças outro tanto.

Se alguma vez ser util me quizeres,
Risca o meu nome dos teus sonhos, filha,
Que o teu eu riscarei de entre as mulheres.

O teu amôr é perfido e serôdio,
Segue do crime a tormentosa trilha . . .
E a mim, que já não te amo, inspiras odio!

TUA PULSEIRA

(A uma moça que me poz uma pulseira no braço)

Tenho beijado esta pulseira olente,
Cheia de amor e cheia de magia!
Aperto-a ao coração constantemente,
Como um signal da tua sympathia!

Os élos, que se prendem nos meus braços,
Creio que têm um pouco de tua alma;
Alma subtil, voando nos espaços,
Alma de amor, que o meu delirio acalma!

Constantemente, eu a tacteio a mêdo
E com caricia levo-a ao meu ouvido,
Afim de ver se encerra algum segredo
Que o teu amôr acaso haja escondido!

E no entanto é tão fria, tão pacata,
Como o metal argenteo de que é feita!
Não ha nada tão frio como a prata,
Ou como este áro que o meu braço enfeita.

Apesar d'isso, sei-a amar, querida,
E quero-a tanto como a ti desejo;
Pois vejo n'ella a minha e a tua vida,
O nosso amôr entrelaçando um beijo!

MAL DE AMOR

Abandonou-me emfim a ultima esperança
De se acabar de vez esta amargura minha ! . . .
Pois eu, perdendo em ti a minha confiança,
Não olvidei jamais o amôr que inda te tinha !

A ARTE

(A Julio Rocha)

A arte, querida, é uma mulher formosa,
Exposta núa em sua plenitude,
Deixando vêr a linha primorosa
De um bello corpo, cheio de saude.

A arte parece ter como a virtude
Da plangente canção misteriosa,
Que no psalterio dedilhou saudosa
David:—ethérea nóta de alaúde!

Para uns, ella é inda uma promessa
Da ideal perfeição divina, e dessa
Requintada paixão de um craneo insano,

Que quer a fórma, a côr, a linha, a vida!...
No entanto a arte é para mim, querida,
Um grande sonho do ideal humano.

VAPOROSA

Quando eu contemplo o seu olhar, suave
Como um brilhante dentro de um arminho,
Fico perdido na encantada nave
Daquelles seios, como um passarinho !

Ai ! talvez que o pulsar incerto e grave
Do coração, a estremecer sózinho,
Seja o bater das asas de alguma ave
Que se ensaia a voar dentro do ninho !

Quando eu a vejo andar por entre as flôres
Do seu jardim, em mysticos desejos
Talvez, quem sabe ? de um milhão de amores,

Sinto abrasar-me n'um desejo ardente
De ir com um manto rútilo de beijos,
Cobrir todo o seu corpo alvinitente.

A UNS OLHOS

(De Campoamor)

Mais ternos devereis sêr
Se me vierdes olhar.
E' maldade, quero crer,
Que umas fontes de prazer
Me causem tanto pezar.

Não compr'hendo (como eu penso !)
Que a minha sorte cruel
Faça que um olhar sereno
Para mim seja veneno,
Quando pr'a todos é mel.

Maldade estaes revelando,
Em não querer que eu vos queira.
O meu amor desprezando,
Mataes-me, e eu, não vos amando,
Morro da mesma maneira !

Se amar-vos é uma offensa,
Vingança podeis tomar.
Sabei, pois, que é minha crença
Amar-vos com fé intensa,
Inda que me ouseis matar.

Se por meu amôr, medida
Fôr a vindicta, que horror !
Vejo a minha alma perdida :
— E' quasi nada uma vida
Para vingar tanto amor.

E' que este amôr, igualdade
A nenhum outro concede ;
Tal é sua intensidade,
Que eu julgo mesmo que excede
A vossa perversidade.

Por Deus, são frios temores
Darem-me os vossos desdens
A cento e cento os horrores,
Podendo-me dar amores,
Sem os pezares, mil bens !

Triplica-se-me o tormento,
Inda mais, causa-me dó
Vêr vosso contentamento,
Sendo tão bom para um cento,
Tornar-se máo para um só !

Alem d'isso é uma injustiça
Que tenhaes olhos serenos,
A quem amor não cubiça,
E nem se bate na liça
Por vossos olhos, ao menos.

Mas, apesar de mortal,
Vosso languido desdem
E' tão terno e celestial,
Que reveste sempre o mal
Com as caricias do bem.

Oh! se a vossa luz, querida,
Da sorte allivio me fôsse,
Ella que é minha homicida,
Quem não trocaria a vida
Por essa morte tão doce?

Eu, que estou de angustias pleno,
Nada julgo mais cruel
Que ser para mim veneno
Esse olhar vivo e sereno,
Que para todos é mel.



SAUDADES

Estás longe de mim, e no entrêtanto
Meu coração te segue pressuroso !
Ah ! que mil vezes seja venturoso
Quem nunca teve assim amor tão santo !

Como é feliz quem desconhece o pranto !
Como eu invejo um coração ditoso,
Um coração que só conhece o goso
E ouve do bello amor o eterno canto !

Como é feliz quem nunca amou, querida,
Quem jamais conheceu a dor grandiosa,
Da mais amargurada despedida !

Como é feliz quem tem um peito brando,
Bem diverso dó meu, cuja amorosa
E unica idéa é a de morrer amando !

DECLARAÇÃO

(A uma escriptora)

Minha senhora, o meu amor ardente,
O grande amor que o peito me devora,
E' como essa paixão louca de um crente
Por seu bom Deús, que elle ama e que elle adora!

A nevróse de amor que viva sente
Meu pobre coração, é como a aurora
Luminosa, que ao passaro contente
Como um iman attrahe, minha senhora!

Lendo os vossos escriptos scintilantes,
Onde a par de um estylo burilado
Transparecem as phrases de diamantes,

Foi que senti pulsar meu peito, amada!
Foi que sonhei, sem ter jamais pensado,
Nesta ~~grande~~ paixão, louca ignorada!

* * *

Senhora, esta alegria, que entenece
Meu coração, veio da trança preta,
Trança gentil que a fronte te enlanguece
Com tanta arte e primor, que até parece
Um casúlo de enorme borboleta !

A diamantina luz, que se desprende
Dos olhos teus em fúlgido brilhante,
As minhas máguas com certeza entende ;
E certamente ao meu olhar se rende,
Trazendo para nós o amor constante !

DOR OCCULTA

(A Prisciliano Freire)

Anselmo, o cantor languido da vida,
Ria da morte e da tristeza ria,
Como se uma nevrose de alegria
Se lhe internasse n'alma dolorida.

Dizem que a perda da mulher querida
Fel-o o doudo jovial que a gente via
Pelas ruas. Gravoche da agonia,
Tinha o seu riso lâmina homicida !

Tanta alegria assim de onde proveio,
— Perguntei-lhe — que a rir levas o mundo,
Como se de prazer fosse elle cheio ?

— «Culpai o coração de minha amada,
Que teria na cova um pezar fundo,
Se lhe constasse eu ter a alma sangrada !»

DAY-BREAK

(A Ignacio Xavier de Carvalho)

Levanta te, creança! — A madrugada
Assoma ao longe, gárrula e ridente!
Vem pelo eterno espaço ver contente
Um enxame de nivea passarada.

Vem erguer os teus olhos á azulada
E bella cupula que envolve o ambiente!
Vem, pois, ver este sol resplandescente
Que se esbate dos montes na esplanada!

A um circulo de fogo no horisonte,
Illuminando o pincaro do monte,
E á corólla de rosa encantadora,

Do sol o despertar tem semelhança!
Ergue-te pois, vem admirar, creança,
A claridade rutila da aurora.

SERENATA

(A Penaforte Mendes d'Almeida)

Alegre como o zéphiro no prado,
Dôce como o cantar do rouxinol,
Leve como o celagem nacarado
Que a luz modéra do nascente sol;

Ouvindo a tua voz gentil, suave,
Meu coração começa a palpitar;
Como ao nascer do sol se agita a ave,
Como o bater das ondas ao luar!

Quando caminhas, põe-l'ô entontecido
Co' a volupia enervante dos teus seios.
Quando ris, elle, naufrago perdido,
De salvar-se em teus olhos tem receios!

Que magico poder em teu accento,
Que mysterioso encanto de mulher!..
Faze, que, ao teu mais leve movimento,
A alma caia em deliquios de prazer!

TEU BEIJO

(A Thomé Gylson)

O longo beijo que me deste, amada,
Como a expressão de todos os amores,
Tem o sorriso fresco da alvorada
E a callidez das aves multicores.

Ah! o teu beijo, o beijo teu de fada,
O perfume contem de muitas flores.
Inda tenho na bocca a perfumada
Quentura dos teus labios seductores!

O beijo teu, querida, é venenoso,
De um veneno cruel que leva a morte
Ao mais sublime e delirante goso!

Teu labio é como o cyatho dourado,
Cheio d'um vinho capitoso e fórte,
Que de um gole me deixa embriagado!

NA PARTIDA

Vaes para alem do Atlantico, partindo
Qual illusão etherea e radiante,
Ou como um som melódico distante,
Que pouco a pouco se nos vae sumindo !

Ao velho mundo vaes, talvez sorrindo
N'uma nevróse toda delirante !
Ou, como o artista de um ideal brilhante,
Irás mui novas sensações sentindo.

Vaes e consentes que o meu peito esconda
O enlouquecido amor que por ti sente,
Como a onda que o vento enrola á onda,

Ou como uma rica amphora de Hellena,
Vermiculada de ouro reluzente,
Mólha, á luz matinal, a curva plena !

SOFRIMENTO

Quanto mais passa o tempo, o sofrimento
Da saudade por ti vae-se augmentando !
Eis, amada, o porquê fico chorando,
Se o nome teu me acode ao pensamento !

Candida és n'alma e o és no sentimento,
No nome teu, que a soletrar eu ando,
Cheio de amor, nos passaros voando,
Cheio de amor, na luz e até no vento !

Oh ! que martyrio atroz é o da saudade
Que me maltrata tanto assim, querida,
E que assim tanto o coração me invade !...

Oh ! que martyrio atroz o ver a gente
Ir se ausentando o sol da nossa vida,
Como um sonho qué passa de repente !

A MINHA MÃE

Aqui, de longe, eu vejo-te pensando
No futuro dos filhos teus amados;
Fechando os olhos, vejo-te implorando
O perdão para todos meus peccados.

És a melhor das mães, és a mais santa
E ideal creatura que eu conheço.
Ouço-te a voz no passaro que canta,
Augmentando a saudade que padeço.

Teus bellos olhos candídos e ternos
Têm essa luz divina e fascinante
Que me guia na senda árdua da vida.

Feliz de quem, como eu, braços maternos
Estreitou contra o peito delirante
N'um amplexo de angustia dolorida!

MONOLOGO DE UM SCEPTICO

(A Clovis Bevilaqua)

A duvida de Hamlet, a duvida medonha,
Que aniquila a razão, que alimenta a loucura,
Faz de mim um somnamb'lo e da minh'alma escura,
Uma douda que ri e que acordada sonha.

Para muitos, no mundo ha uma face risonha,
Em que o goso se expande em alácrc ventura.
Quão crédulos que sois, oh filhos da natura,
Discip'los de Epicúro, oh craneos de cegonha !

Se o problema da Vida é o mesmo da Morte,
Se o homem não é mais que uma aberta ferida,
Quer se ponha de um lado e quer de outro se ponha,

A duvida horrorosa então surge-me forte.
E á sua ignea tenaz se prostra sucumbida
A minha alma que ri e que acordada sonha !

FECHANDO O LIVRO

Morreram d'este livro as debeis flores,
Não possuindo de vida mais que uma hora,
Pois não tiveram a esplendente aurora
Que abriga os lyrios, mais os beija-flores.

Que vida curta ! nem os esplendores
Da luz radiante que em seus olhos móra,
Nem mesmo, excellentissima senhora,
Essa muda expressão de agudas dores

Que a noiva sente ao ver morto seu noivo,
Cravo que assim se transformára em goivo,
Estas flores sentiram, minha amada !

Pobres flores, ephêmeras violetas,
Passaram como uma illusão alada !
Morreram como ethereas borboletas !...



INDICE

INDICE

<i>Á minha mulher</i>	5
<i>Desejo de posse</i>	9
<i>Bucolica</i>	11
<i>Versos a Zuleika</i>	13
<i>Nevrose de goso</i>	19
<i>Monologo de Hamlet</i>	21
<i>Paisagem</i>	23
<i>Viver brincando</i>	25
<i>Pubere</i>	29
<i>Do alto do Corcovado</i>	31
<i>Ideal</i>	33
<i>Francisca de Rimini</i>	35
<i>Carta á Walkiria</i>	39
<i>Lasciate ogni speranza</i>	43
<i>Soffrer é viver</i>	45
<i>Silencio !</i>	47
<i>Ante o busto de Shakespeare</i>	53
<i>A casa paterna</i>	55
<i>O cinco de maio</i>	57

<i>Mater dolorosa</i>	61
<i>Tedio</i>	63
<i>Do Hamlet</i>	65
<i>Thesouro</i>	67
<i>Algida</i>	69
<i>Flor de marmore</i>	71
<i>O amor</i>	73
<i>Carta de amor</i>	75
<i>Entre Scilla e Charybdes</i>	79
<i>14 de julho</i>	81
<i>Revendo o passado</i>	83
<i>Sombra</i>	85
<i>A Giuseppe Verdi</i>	89
<i>Longe!</i>	91
<i>Velhice prematura</i>	93
<i>Na floresta</i>	95
<i>O mar</i>	99
<i>N'um album</i>	101
<i>Preconceito</i>	103
<i>As tuas mãos</i>	107
<i>O canario</i>	109
<i>Alma de artista</i>	113
<i>Nego suppositum</i>	115
<i>A Dante Allighieri</i>	117
<i>A uma freira</i>	119
<i>Desprezo</i>	121
<i>Tua pulseira</i>	123
<i>Mal de amor</i>	125
<i>A arte</i>	127

<i>Vaporosa</i>	129
<i>A uns olhos</i>	131
<i>Saudades</i>	135
<i>Declaração</i>	137
<i>* * *</i>	139
<i>Dor occulta</i>	141
<i>Day-break</i>	143
<i>Serenata</i>	145
<i>Teu beijo</i>	147
<i>Na partida</i>	149
<i>Soffrimento</i>	151
<i>A minha mãe</i>	153
<i>Monologo de um sceptico</i>	155
<i>Fechando o livro</i>	157

Errata

Não obstante todo o cuidado insistentemente recommendado á revisão, escapáram neste livrinho muitos erros typographicos, desmerecendo o primor e gosto das artes graphicas nelle empregados, e que faziam, outrosim, o unico motivo porque se recommendaria.

Entregando alguns dos erros a correccão do leitor intelligente apontaremos os principaes:

Na Poesia—**Ideal**—onde se lê: louro contemplo—lêa-se **louco** etc.

Na P.—**O Amor**—onde se lê: Dactes lêa-se **Dante**.

Na P.—**Na Floresta**—onde se lê: Volto-me um lado—lêa-se: Volto-me **à** um etc.

Na P.—**N'um album**—Onde se lê: Eis o que venha a ser—lêa-se Eis o que **vem** a ser.

Na P.—**O Canario**—onde se lê: bizia o proprietario—lêa-se Dizia o **seu** etc.

Na P.—**A uns olhos**—onde se lê: (Como eu penso — lêa-se (Como eu **peno** .

Na P.—**Declaração**—onde se lê: Nesta ignea paixão—lêa-se: Nesta **grande** etc.

Na P.—**Serenata**—onde se lê: Fazes que zo teu—lêa-se **Faze** etc.

Na P.—**M. de um Sceptico**—onde se lê: Epicino—lêa-se **Epicuro**.

Na P.—**Fechando o livro**—onde se lê: ephemeras—lêa-se **ephêmeras** etc.

